A LOGÍSTICA DE UMA MISSÃO DE PAZ: UM ESTUDO DE CASO DO SAARA OCIDENTAL¹

Sylvio de Souza Ferreira²

Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon³

Introdução

A presente comunicação de resultados é consequência de uma moldura conceitual mais ampla. Trata-se de esforço convergente com a tentativa de melhor inserir os assuntos de Defesa na agenda das políticas públicas (Migon 2011), de apoiar a construção de uma agenda integrada de pesquisa e discussão de tais assuntos (Migon 2013) e de contribuir com o fortalecimento do planejamento brasileiro associado à Defesa (Migon 2014). Trata-se, também, do diálogo e intercâmbio de ideias associado à reunião de pesquisadores individuais sob a mesma agenda de pesquisa (Visentini, Pereira e Migon 2014) o que permitiu transbordar pesquisas individuais (Migon e Santos 2013; Vaz e Migon 2013; Pereira 2014; 2016a; Visentini 2014; 2016a) em um projeto coletivo, com reflexos progressivamente percebidos no âmbito dos estudos de defesa (Ferreira 2014; 2015; Pereira e Migon 2014; Visentini et al. 2014), inclusive no exterior (Rodrigues 2017a).

1 A pesquisa associada ao presente artigo foi conduzida no âmbito do projeto A importância da África para a Segurança e Defesa do Brasil, desenvolvido sob fomento do Programa Álvaro Alberto de Indução à Pesquisa em Segurança Internacional e Defesa Nacional (Pró-Pandiá), iniciativa conjunta CAPES – Ministério da Defesa.

2 Programa de Pós-graduação em Ciências Militares, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, Brasil. Como 1º autor, participou da concepção da pesquisa, da pesquisa bibliográfica e da redação inicial e final do artigo. E-mail: sylvio98@hotmail.com

3 Programa de Pós-graduação em Ciências Militares, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Rio de Janeiro, Brasil. Como 2º autor, participou da concepção do projeto, orientou e supervisionou este, assim como cooperou com a redação e revisão final do artigo. E-mail: eduardomigon@gmail.com

Ainda enquanto moldura conceitual, cabe destacar que este breve texto é convergente com os objetivos de (i) adensar a parceria entre dois programas de pós-graduação da área de Defesa, o Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI/UFRGS - <http://www.ufrgs.br/ppgee>) e o Programa de Pós-graduação em Ciências Militares (PPGCM/ECEME - <http://www.eceme.ensino.eb.br>), e (ii) ampliar a divulgação científica na área de Defesa, em especial através do fortalecimento da Coleção Meira Mattos (<http://portal.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM>), da Austral: revista brasileira de estratégia e relações internacionais (<http://seer.ufrgs.br/Austral>) e da Revista Brasileira de Estudos Africanos (<http://www.seer.ufrgs.br/rbea>).

Em termos específicos, cabe contextualizar que este artigo é continuidade de esforços de pesquisa sintetizados em uma trilogia de artigos⁴, a qual procurou informar aspectos da cooperação Brasil-África em assuntos de Defesa (Ferreira e Migon 2016), assim como disponibilizar um olhar específico sobre a dinâmica de Segurança & Defesa do Saara Ocidental (Ferreira e Migon 2015; 2017).

Assim sendo, destaca-se que a Logística das Operações de Paz tem grande relevância para os estudos de Defesa e das Ciências Militares, por uma série de razões. O planejamento e a execução logística, conduzidos normalmente em ambientes inóspitos, bem como a interoperabilidade entre componentes militares e civis de diversos países do mundo podem trazer ensinamentos diversos. Nesse sentido, merece destaque o fato de que a missão de paz conduzida no Saara Ocidental se trata da mais antiga operação em atividade no continente africano.

A questão do Saara Ocidental constitui o mais recente e duradouro caso de descolonização não-resolvido do continente africano, em pleno século XXI. Uma saída da metrópole mal conduzida, a guerra travada entre 1976 e 1991 e a mais longa intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) fazem parte da trajetória histórica da “última colônia do mundo” (Ferreira e Migon 2015). Assim, trata o presente artigo sobre o caso do Saara Ocidental, estudado sob a ótica da Logística de Defesa.

O Saara Ocidental é um território não-governado, atualmente sob a custódia da ONU, localizado na porção noroeste da África Saariana. Trata-se de um dos lugares mais inóspitos e menos habitáveis do mundo, de clima ári-

4 A tal comunicação de resultados se associam a organização de um livro (Visentini, Migon e Pereira 2016) e a disponibilização de conteúdos de pesquisa no âmbito (Ferreira 2016; Migon 2016; Pereira 2016b; Rodrigues 2016; Visentini 2016b), assim como a cooperação do grupo de pesquisa com dois esforços de doutoramento voltados ao tema (Ferreira 2017; Rodrigues 2017b).

do e temperaturas extremas que variam entre 50 e 60 graus Celsius no verão e baixam a 1 grau, no inverno. O território possui fronteiras terrestres com o Marrocos, a Argélia e a Mauritânia e é banhado pelo Oceano Atlântico a oeste (Rézette 1975; Pointier 2004; Estrada 2014).

O estudo de caso tem como propósito analisar a logística aplicada no caso da missão de paz do Saara Ocidental, sob três óticas distintas: do Marrocos, do Saara Ocidental e da Missão da ONU em si. Para atingir os propósitos do presente estudo, este artigo será dividido em seções, que visam a realizar a ambientação histórica e conceitual da questão, bem como a consecução do estudo de caso propriamente dito. Ao final, considerações serão realizadas a respeito do assunto.

Base Teórico-Empírica

A Questão do Saara Ocidental: Uma Revisão Histórica

A colonização espanhola no Saara Ocidental data de 1884 e ocorreu na região litorânea entre Tarfaya, sul do território atual do Marrocos, e Villa Cisneros, atual cidade de Dakhla, ao sul do Saara Ocidental. Tal colonização durou até 1976, quando da saída da Espanha do território (Shelley 2004; Estrada 2014).

As fronteiras do Saara Ocidental foram definidas pela Espanha e pela França em 1934. No entanto, a partir de 1956, o recém-independente Marrocos passou a reivindicar o território, o que culminou com o enfrentamento, a guerra e um impasse que perdura até os dias de hoje (Rézette 1975). As iniciativas de descolonização, provocadas pela ONU, tiveram início em 1965, quando a organização declarou o Saara Ocidental um território não-governado. Com isso, houve o posicionamento da ONU a favor da descolonização e do exercício da autodeterminação do povo saarauí, o que deveria ocorrer por meio de um referendo (Pointier 2004; Shelley 2004; Estrada 2014; Ruiz Miguel 2014).

Em 1973, surgiu um movimento com lideranças efetivas e componentes político e militar bem definidos, chamado Frente para a Liberação de Saguia el-Hamra e Río de Oro, também conhecido como Frente Polisário (F Pol). A partir de então, tal organização empreendeu uma guerra contra a Espanha (Pointier 2004; Shelley 2004; Estrada 2014).

Em 1974, a Espanha estava pronta para realizar o referendo e conduziu um recenseamento da população, como medida preliminar. A ONU pediu, então, à Corte Internacional de Justiça um parecer sobre o estado do

Saara Ocidental, a qual apontou que nem Marrocos, nem a Mauritânia poderiam estabelecer qualquer vínculo de soberania com o território. A decisão da Corte Internacional de Justiça contrária aos interesses marroquinos estimulou uma reação do rei do Marrocos que, no mesmo dia, anunciou que iria liderar uma marcha “pacífica” de 350.000 marroquinos em direção ao Saara Ocidental, evento que ficou conhecido como “Marcha Verde”. Tal movimento adentrou o Saara Ocidental em 6 de novembro de 1974, apoiado pelo Exército Real Marroquino e deu início ao conflito com a Frente Polisário a partir de então. Em 14 de novembro de 1974, diante da evolução dos acontecimentos, a Espanha firmou, às pressas, o chamado Acordo de Madri, com o Marrocos e com a Mauritânia, o qual cedia dois terços do norte do território ao Marrocos e um terço do sul à Mauritânia. Tal acordo foi considerado nulo pela ONU e realizado apenas em consulta a parte das lideranças locais do Saara Ocidental (Pointier 2004; Zoubir 2007; Estrada e Ricci 2012; Estrada 2014).

Em 1976, pode-se afirmar que a guerra já era travada em dupla frente pela Frente Polisário, componente político-militar do Saara Ocidental, contra as Forças Armadas do Marrocos e da Mauritânia. Esse conflito provocou um grande êxodo de refugiados para a cidade de Tindouf, na Argélia, fora do território Saarauí (Ammour 2006; Estrada 2014). Em 26 de fevereiro do mesmo ano, a presença colonial espanhol veio a fim. O Djemma, uma assembleia consultiva tribal subsaariana de líderes (“sheiks”), criado pelas autoridades espanholas, votou para integração com o Marrocos e Mauritânia. No entanto, em 27 de fevereiro de 1976, um grupo formado por ex-membros do Djemma e outros sheiks pró-Polisário proclamaram a República Árabe-Democrática Saarauí, com os líderes da Frente Polisário nomeados para o seu governo.

A guerra seguia e, após três anos de conflito, a Mauritânia, apesar de sua notória superioridade militar, assinou um acordo de paz com a Frente Polisário, renunciando à sua suposta parte do Saara Ocidental, depois de sofrer consideráveis derrotas e baixas no embate com as tropas polisárias (Zoubir 2007; 2010; Estrada 2014).

Entre 1985 e 1988, a ONU começou enviar maiores esforços para apaziguar a questão, quando o Marrocos e a Frente Polisário vieram a aceitar as propostas da ONU e da Organização da União Africana (UA), no sentido de resolver o conflito (Zunes e Mundy 2010). A solução compreendia a condução de um referendo, através do qual o povo do Saara Ocidental deveria escolher entre a independência ou a integração com Marrocos, além de um cessar-fogo e da criação de uma missão de paz. Ambas as partes concordaram e, em 6 de setembro de 1991, as hostilidades se cessaram. Assim, foi criada a Missão das Nações Unidas para o referendo no Saara Ocidental (MINURSO), que tem como pontos precípuos em seu mandato original a criação de condições

para a realização do referendo, a sua condução propriamente dita, a garantia da consecução de seus resultados, além da fiscalização do cessar-fogo entre as partes (Estrada e Ricci 2012).

Logística Militar

A Logística desempenha papel fundamental no sucesso das operações militares. Para tanto, deve ser coerentemente planejada e executada desde a concepção da operação, bem como estar sincronizada com todas as ações planejadas, estando inerentemente ligada às logísticas conjunta e nacional, ou, em determinadas situações, à logística das operações multinacionais das quais um país esteja participando. Em todas essas situações, deve ser meticulosamente coordenada para assegurar que os recursos sejam disponibilizados aos usuários em todos os níveis (EME 2014).

A organização da Logística deverá prover o apoio necessário para sustentar as forças na continuidade das operações, seja numa situação de guerra ou de não-guerra – como numa operação de paz, por exemplo. Para tanto, essa logística deverá ser pautada por princípios como flexibilidade, adaptabilidade, modularidade, elasticidade e sustentabilidade (EME 2014).

Dessa forma, entende-se a Logística Militar como o conjunto de atividades relativas à previsão e à provisão dos recursos e dos serviços necessários à execução das missões das Forças Armadas. A função combate logística engloba áreas funcionais de apoio de material, apoio ao pessoal e apoio de saúde. Nos níveis estratégico e operacional ela condiciona o planejamento e a execução das operações, enquanto no nível tático adapta-se à manobra planejada para torná-la viável (EME 2014).

O ciclo logístico é um processo permanente, contínuo e ordenado em fases inter-relacionadas que organiza a sistemática do apoio. Em consonância com as especificidades de cada uma das Áreas Funcionais, compreende três fases: determinação das necessidades, obtenção e distribuição. A integração da cadeia logística por meio de sistemas informacionais - desde o usuário consumidor até a fonte de obtenção - é fundamental para a precisão e rapidez do ciclo logístico em todos os níveis de execução da Logística, possibilitando aumentar o nível de serviço à força apoiada (EME 2014).

O ambiente operacional pode ser caracterizado por longas distâncias, terreno difícil, um clima hostil, além da falta de serviços básicos e apoio do país anfitrião. Atender às demandas constitui, portanto, um processo complexo e exigente, que requer um planejamento cuidadoso. O serviço de suporte ao combate, normalmente, dita os principais aspectos da conduta das forças

envolvidas em operações, estando presente desde o início do processo de planejamento, e ser incluído no reconhecimento. Sempre que possível, as unidades devem ser empregadas em operações com um mínimo de armamentos, munição, pessoal, transporte orgânico, comunicações, equipamentos e apoio médico, bem como níveis de reserva suficientes de todos os suprimentos básicos para durar pelo menos 30 a 90 dias (Wilkerson e Rinaldo 2008).

Estudo do Caso em Análise

A Logística do Exército Real do Marrocos

O Exército Real do Marrocos (RMA) constitui o primeiro ator a ser estudado no caso em análise. Trata-se de uma força armada profissional, bem armada, equipada e motivada para o cumprimento de sua missão. Desde 1991, quando do cessar-fogo e do estabelecimento da MINURSO, cerca de duas Divisões de Exército permaneceram “congeladas” no terreno, em uma posição defensiva estática, com todas as unidades no mesmo lugar. Este fato tem profunda relação com a forma com que a logística da operação é conduzida pelo RMA (United Nations 2007).

No nível estratégico, o RMA desenvolve suas atividades logísticas dentro do território do Marrocos e com seus fornecedores tradicionais. Grande parte do material é de origem europeia ou norte-americana. Seus gastos militares apresentaram um leve crescimento entre 1988 e 2008, passando a ter um aumento um pouco mais significativo, a partir de 2009. Essa relativa constância ou crescimento suave se dá em virtude da impossibilidade de reforçar as unidades empregadas na área de operações da MINURSO, com pessoal ou material. Ou seja, desde 1991, há praticamente a mesma – ou menos – quantidade de tropas e armamentos no terreno, tudo em consonância com os termos do acordo de paz. O aumento ocorrido a partir de 2009 tem correlação com aquisições ou gastos voltados para suas Forças Armadas fora da área de operações da missão de paz, que poderá – e deverá – ser empregada, caso as hostilidades retornem (IISS 2015).

Nos níveis operacional e tático, a logística se dá de uma forma bastante peculiar, em face das imposições do cessar-fogo. O reforço de tropas é veementemente proibido e todo movimento, até mesmo para manutenção ou reposição de material ou tropas, ocorre mediante autorização da ONU (United Nations 2007). Outra condicionante bastante relevante é o deserto e todas as implicações que decorrem deste.

No tocante ao transporte, a área é pouco servida de estradas asfaltadas

para a utilização do modal terrestre rodoviário. Em 284.000 km², há apenas duas estradas pavimentadas e poucas vicinais, as quais perfazem cerca de 2.000 km de ligações. Essas estradas basicamente ligam a área de operações de norte a sul e adentram algumas das áreas de operações das Divisões de Exército. Não há modal terrestre ferroviário e o modal aquaviário se limita a operar no litoral, com restrições impostas pelo acordo de paz. O modal aéreo é utilizado, mas sofre restrições também, impostas pelo cessar fogo.

No tocante à pessoal, existe um plano de arejamento que faz com que os militares que trabalham em rígidas condições laborais deixem a área de operações a cada 3 meses. Essa política de arejamento é fundamental para a manutenção do bom andamento dos trabalhos, em face do total isolamento imposto pela missão e as inóspitas condições de vida do soldado no deserto. O acordo de paz impõe a ambas as partes do conflito que não haja reforço de pessoal na área de operações.

No que se refere à saúde, há poucos hospitais na área de operações. A maioria das instalações de saúde se concentra na cidade de Laayoune, onde fica o quartel-general da MINURSO e há uma grande concentração de tropas do RMA. Além dessa cidade, há militares de saúde espalhados pelas unidades marroquinas no deserto, para apoiar de forma mais cerrada as tropas no terreno.

A manutenção de todo material deve ser realizada no próprio local ou fora da área de operações, mas, neste caso, somente ocorre com autorização da ONU. Normalmente, durante o monitoramento do cessar-fogo, as patrulhas da ONU são responsáveis por fiscalizar a permanência do material em cada instalação e se a inexistência de cada item foi autorizada pela organização. Já em relação ao suprimento, todo ele chega à ponta da linha pelo modal terrestre. Ainda que haja a utilização dos modais aéreo e marítimo, somente por terra é possível chegar às unidades do RMA.

Dessa forma, conclui-se que as condicionantes físicas impostas pelo terreno desértico e suas implicações, aliadas às imposições do acordo de paz, fazem com que a logística em prática pelo RMA apresente uma série de óbices e restrições, as quais são superadas no dia-a-dia do cumprimento de sua missão.

A Logística Aplicada pela Frente Polisário

A Frente Polisário (F Pol) constitui o representante político-militar da República Árabe-Democrática Saaraui e será o segundo ator a ser estudado no caso em análise. Trata-se de uma Força Armada singular e que opera somente

no vetor terrestre, pois seu país não possui Força Aérea, nem Marinha. É mal armada e dotada de equipamentos obsoletos, todos da época da Guerra Fria. Não obstante esse cartão de visitas, seus homens são motivados e conhecem muito bem o terreno.

No nível estratégico, a F Pol sofre todas as restrições decorrentes do seu país não ter status definido na comunidade internacional. Embora a União Africana reconheça o Saara Ocidental como país, uma parte dos países do mundo não o vê assim. Na maioria das fontes bibliográficas, o Saara consta como colônia e, para a ONU, o status do país ainda consta como “não-governado” (Pointier 2004; Shelley 2004; Estrada 2014). Com isso, a fragilidades das instituições nacionais ou mesmo a sua inexistência faz com que não haja a formulação sistemática de Políticas Públicas, embora haja uma questão premente no setor da Defesa. Pode-se resumir que todo apoio logístico da F Pol vem do governo da Argélia, onde a maioria dos meios militares permanece e a população vive na atualidade, em campos de refugiados na região de Rabouni (United Nations 2007).

Nos níveis operacionais e tático, a F Pol mantém um efetivo mínimo na área de operações da missão, praticamente reduzido a algumas unidades militares e postos de observação na primeira linha de defesa contra as tropas marroquinas. Assim como estas, suas unidades foram proibidas de se movimentar e receber reforços após o estabelecimento do cessar-fogo.

No tocante ao transporte, apenas há utilização do modal terrestre rodoviário em trilhas no deserto, as quais são consideradas seguras em relação à ameaça de minas e explosivos. Não há estradas asfaltadas na parte do Saara Ocidental controlada pela F Pol.

No tocante ao pessoal, a F Pol emprega militares muito jovens na área de operações, os quais permanecem em condições críticas de permanência na missão. Não há hospitais, nem instalações de saúde na área e todo esse apoio é prestado na Argélia, nas cercanias dos campos de refugiados.

A manutenção do material polisário é realizada na posição e segue as mesmas regras impostas pela ONU. Caso haja necessidade de remover determinado material para manutenção fora da área de operações, a ONU deve conceder autorização para tal. De forma correlata aos demais grupos funcionais, o suprimento vem normalmente da Argélia e é mais um item crítico na logística implementada pela F Pol na área da MINURSO. Exemplo disso é a sistemática de suprimento dos Postos de Observação que ficam de frente para a linha defensiva marroquina. Esses postos são operados por uma dupla de soldados, que possuem uma viatura leve, armada com algum tipo de metralhadora ou arma anticarro, equipamento rádio e que permanecem na posição por um período de 3 a 10 dias. Como suprimento, esses militares

levam pequena quantidade de água, uma cabra e uma galinha, vivos, para a posição. Numa primeira fase, os soldados se alimentam do leite da cabra e dos ovos da galinha; em seguida, abatem os animais em parcas condições de higiene e consomem a carne. Fim deste ciclo, os militares acusam pelo rádio que devem ser substituídos.

Dessa forma, há de se concluir que a logística aplicada pela F Pol na área de operações da MINURSO, além de receber as restrições impostas pelo deserto e pelas regras da missão, apresenta graves deficiências estruturais nos níveis estratégico, operacional e tático.

A Logística Aplicada pela MINURSO

A Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental (MINURSO) é a operação com mais tempo de atividade no continente africano. Tal fato concede uma grande expertise ao componente logístico da missão, seja no seu planejamento, quanto na sua execução.

Dentro da estrutura da missão, podem ser identificados elementos logísticos agrupados sob os componentes civil e militar da missão, que determinam as necessidades de todas as partes da missão e obtém os meios. Assim, pode ser feita uma correlação que o componente logístico civil desempenha as funções do nível estratégico, por meio da Chefia Administrativa (CAO) e seus integrantes (seção de orçamento, seção de finanças, seção de pessoal, seção de aquisições, licitações e contratos e seção de serviços gerais) e da Chefia de Serviços Técnicos e seus integrantes (seção de suporte logístico, centro de operações logísticas conjuntas, seção de comunicações, seção de transportes de superfície, seção de engenharia, seção de aviação). Já os níveis operacional e tático são desempenhados pelo componente militar, por intermédio de sua Chefia Logística (CLO) e das 4as seções do Centro de Operações Conjuntas (JOC) e dos Team Sites, considerados estes a “ponta da linha” da missão ou o “chão de fábrica” (United Nations 2007).

A MINURSO explora o transporte por todos os modais existentes, com muitos meios, vencendo, assim, as restrições impostas pelo deserto, pelo clima e pelo terreno. A seção de aviação dispõe de voos regulares de aeronaves de asa fixa e rotativa, com finalidades diversas, tais como transporte de pessoal, material, equipes médicas, evacuação aeromédica e reconhecimento operacionais, muito importantes para fiscalizar o cumprimento de diversos pontos dos acordos de paz assinados entre as partes. O modal aéreo ainda é responsável pela chegada e saída de pessoal e material da missão. O modal marítimo já é responsável parcial pela chegada de gêneros e outros itens para

a missão. Por fim, o modal terrestre rodoviário é muito importante para o cumprimento das missões operacionais da MINURSO, uma vez que grande parte das patrulhas da operação é conduzida por terra.

No tocante ao pessoal, há regras bastante claras para a rotação de pessoal e o reacompanhamento é realizado de acordo com as regras estabelecidas por cada país contribuinte. O pessoal civil é contratado ou voluntário, sendo, em ambos os casos, submetidos a processo seletivo.

No que se refere à saúde, há um hospital militar dentro do quartel-general da MINURSO, conduzido por um dos contingentes nacionais da operação. A estrutura desse hospital é modular e permite a realização de vários procedimentos básicos. Já procedimentos mais complexos dependem de hospitais localizados no Marrocos, onde há uma estrutura adequada a problemas mais complexos.

A manutenção do material é realizada nos próprios Team Sites, por civis contratados para tal, no que se refere à parte mecânica dos veículos. Os demais itens, como os equipamentos de comunicação e informática, são mantidos no quartel-general e, para tal procedimento, uma patrulha é conduzida mensalmente de cada Team Site com esse propósito.

Já em relação ao suprimento, a aquisição deste é feita pelo componente civil da missão e provém de diversas partes do mundo. Uma grande parte dos itens é proveniente do Marrocos, pela proximidade e redução dos custos de aquisição e transporte. O câmbio entre o dólar americano utilizado pela ONU e o Dirhan, moeda local marroquina, também tem um papel favorável à aquisição de itens no próprio Marrocos. No entanto, outros itens vêm das mais distantes partes do mundo, como a carne de frango da empresa brasileira Perdigão.

Por fim, conclui-se que a logística aplicada pela MINURSO congrega aspectos favoráveis, os quais reduzem as dificuldades impostas pelas condicionantes da condução de uma operação de paz em 284.000 km² de deserto.

Conclusões

A logística esteve presente nas guerras, desde a antiguidade até os dias de hoje. Do seu planejamento à execução propriamente dita, seu estudo sistemático não é tão antigo quanto a própria guerra, mas sua importância fora notada há muitos séculos atrás.

Em síntese, pode-se concluir que a logística de uma Operação de Paz assume características únicas, diretamente relacionadas ao ambiente na qual

se desenvolve e aos atores que a operam. Não obstante, cada uma das partes analisada tem obtido pleno êxito na condução dessas atividades e prova disto é a própria duração da missão.

Pode-se observar que no caso da operação de paz do Saara Ocidental, o RMA, componente terrestre militar marroquino, aplica a logística favorecido pela sua condição de um país com razoável estrutura econômica e com prioridade constante para o setor de Defesa. Com isso, as restrições impostas pelo ambiente e pelo acordo de paz são reduzidas parcialmente, por meio da aplicação de uma logística dotada de flexibilidade, planejada com previsão e realizada de forma integrada.

Constatou-se que a F Pol, componente político-militar do Saara Ocidental, aplica uma logística de sobrevivência, com máxima flexibilidade, mas sem condições de aplicar princípios como a previsão e a integração. Tais fatos se dão, em virtude da fragilidade ou da inexistência de estruturas no Estado que permitam a condução de uma logística apropriada.

Já a MINURSO dispõe de uma estrutura logística muito bem consolidada, no decorrer dos mais de vinte anos de missão. Destacam-se a integração dos componentes logísticos civil e militar, que permitem planejar e executar uma logística bastante eficiente, pautada por flexibilidade e previsão.

Por fim, há de se reafirmar a importância da logística para a consecução dos objetivos propostos por uma operação de paz. Tal importância permite as partes se dedicarem aos propósitos da ONU, de modo que a organização possa fazer cumprir os itens do mandato de cada missão ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS

- Ammour, Laurence. 2006. *“A qui profite le gel du conflit du Sahara Occidental? NATO Research Papers”*. Rome: NATO Defense College.
- EME. Estado-Maior do Exército. 2014. *“Logística (EB20-MC-10.204)”*. Manual de Campanha. Brasília: EGGCF.
- Estrada, Rodrigo Duque. 2014. *“Saara Ocidental: história, geopolítica e perspectivas da ‘última colônia’”*. Caderno de Relações Internacionais 7 (1): 118-147.
- Estrada, Rodrigo Duque, and Carla Ricci. 2012. *“A Política Externa Brasileira para a questão do Saara Ocidental”*. In Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais: Integração Regional e Cooperação Sul-Sul no Século XXI. Porto Alegre: SEBREEI. <http://www.ufrgs.br/sebreei/2012/wp-content/uploads/2013/01/Rodrigo-Duque-Estrada->

-Carla-Ricci.pdf.

- Ferreira, Sylvio de Souza. 2014. *“Estratégias de atuação das Forças Armadas brasileiras em missões de paz no continente africano: uma discussão sobre novas tendências”*. In Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa: Defesa e Segurança do Atlântico Sul. Brasília: ABED (Associação Brasileira de Estudos de Defesa). http://www.abedef.org/download/download?ID_DOWNLOAD=79.
- . 2015. *“As estratégias de participação das Forças Armadas brasileiras em operações de paz no continente africano e a integração das políticas de defesa e externa do Brasil”*. In 5th Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais: Segurança Internacional, Estudos Estratégicos e Política de Defesa. Belo Horizonte: ABRI (Associação Brasileira de Relações Internacionais), 2015.
- . 2016. *“A participação das Forças Armadas Brasileiras nas Operações de Paz no continente africano (1990-2014)”*. In A (in)segurança da África e sua importância para a Defesa do Brasil, 79-96. Porto Alegre: NERINT/UFRGS - LED/ECEME.
- . 2017. *“O papel da participação das forças armadas brasileiras em operações de paz no continente africano (1990-2014) na integração das políticas de defesa e externa brasileiras”*. PhD thesis, ECEME (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército).
- Ferreira, Sylvio de Souza, and Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon. 2015. *“A Estratégia de uma Guerra Esquecida: fundamentos estratégicos aplicados à questão do Saara Ocidental”*. Revista Política Hoje 24 (2): 193-217.
- . 2016. *“Technical cooperation in Security & Defense: Brazil's presence in Africa”*. Brazilian Journal of African Studies 1 (2): 89-105.
- . 2017. *“A experiência de observador militar da ONU no Saara Ocidental”*. Conjuntura Austral 8 (39-40): 24-43.
- IISS. International Institute for Strategic Studies. 2015. *“Middle East and North Africa”*. In The Military Balance, 303-362. London: International Institute for Strategic Studies.
- Migon, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. 2011. *“A inserção dos assuntos de defesa na agenda das políticas públicas”*. PhD thesis, ECEME (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército).
- . 2013. *“Segurança, Defesa e as relações civis-militares: (re) leituras em apoio à construção de uma nova agenda brasileira”*. Revista de Ciências Militares 1 (1): 101-121.
- . 2014. *“Planeando a Defesa: algumas reflexões”*. Revista de Ciências Mi-

- litares 2 (1): 41-63.
- _____. 2016. “Análise empírica da (in)segurança regional: mapeando os países africanos a partir da interação *Fragile States Index* e *Affinity Propagation*”. In A (in)segurança da África e sua importância para a Defesa do Brasil, 33-58. Porto Alegre: NERINT/UFRGS - LED/ECEME.
- Migon, Eduardo Xavier Ferreira Glaser, and Carlos Alexandre Geovanini dos Santos. 2013. “África e Brasil: parceria para o desenvolvimento”. Coleção Meira Mattos: Revista das Ciências Militares 7 (28): 35-46.
- Pereira, Analúcia Danilevicz. 2014. “Brazil-Africa Relations: The Strategic Importance of the South Atlantic”. *Insight on Africa* 6 (1): 1-13.
- _____. 2016a. “Cuba’s foreign policy towards Africa: idealism or pragmatism?”. *Brazilian Journal of African Studies* 1 (2): 106-117.
- _____. 2016b. “Concertação político-estratégica e cooperação no Atlântico Sul: os casos da ZOPACAS e da Comunidade do Golfo da Guiné”. In A (in) segurança da África e sua importância para a Defesa do Brasil, 59-78. Porto Alegre: NERINT/UFRGS - LED/ECEME.
- Pereira, Analúcia Danilevicz, and Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon. 2014. “África e Atlântico Sul: o papel da Cooperação Técnica Internacional na Resolução de Conflitos e na Construção Nacional” (Seminário Temático). In Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa: Defesa e Segurança do Atlântico Sul. Brasília: ABED (Associação Brasileira de Estudos de Defesa).
- Pointier, Laurent. 2004. “Sahara occidental: la controverse devant les nations unies”. Paris: Karthala.
- Rézette, Robert. 1975. “Le sahara occidental et les frontières marocaines”. Paris: Nouvelles Editions Latines.
- Rodrigues, Anselmo de Oliveira. 2016. “O conceito de Estados Falidos e as Forças Armadas de Angola, Moçambique e da Namíbia sob uma perspectiva comparada da falência estatal”. In A (in)segurança da África e sua importância para a Defesa do Brasil, 97-124. Porto Alegre: NERINT/UFRGS - LED/ECEME.
- _____. 2017a. “The Occurrence of Failed States in Africa after the Fall of the Berlin Wall and Its Relation to the Increase in the Number of Refugees from Africa Today”. In *Africa and Africans in National, Regional and Global Dimensions*. Moscow: Institute for African Studies.
- _____. 2017b. “Operações de paz no continente africano: estudo de caso de Angola e Moçambique”. PhD thesis, ECEME (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército). In progress.

- Ruiz Miguel, Carlos. 2014. "La Causa Saharaui". *Humania del Sur: revista de Estudios Latinoamericanos, Africanos y Asiáticos* 9 (17): 53-68.
- Shelley, Toby. 2004. "Endgame in the Western Sahara: what future for Africa's last colony?". London: Zed Books Ltd.
- United Nations. 2007. "MINURSO Handbook". Laayoune, Western Sahara: UN (United Nations).
- Vaz, Carlos Alberto Moutinho, and Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon. 2013. "O Brasil e as alternativas para o incremento da cooperação em Segurança & Defesa na Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZO-PACAS)". *Revista da Escola Superior de Guerra* 28 (56): 110-131.
- Visentini, Paulo Gilberto Fagundes. 2014. "Africa and the Emerging Powers: the South and the Unholy Cooperation". *Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations* 3 (5): 41-67.
- . 2016a. "Revolutions and International Relations: the African case". *Brazilian Journal of African Studies* 1 (1), 106-123.
- . 2016b. "A 'Guerra Mundial Africana': um panorama dos novos conflitos após a Guerra Fria". In *A (in)segurança da África e sua importância para a Defesa do Brasil*, 17-32. Porto Alegre: NERINT/UFRGS - LED/ECEME.
- Visentini, Paulo Gilberto Fagundes, Analúcia Danilevicz Pereira, and Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon. 2014. "A importância da África para a Segurança & Defesa do Brasil (Pró-Pandiá)". Porto Alegre: CNPq.
- Visentini, Paulo Gilberto Fagundes, Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon, and Analúcia Danilevicz Pereira. 2016. "A (in)segurança da África e sua importância para a Defesa do Brasil". Porto Alegre: NERINT/UFRGS - LED/ECEME.
- Visentini, Paulo Gilberto Fagundes, Karl Gerhard Seibert, Kamilla Raquel Rizzi, and Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon. 2014. "A importância da África para a Segurança & Defesa do Atlântico Sul". In *Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa: Defesa e Segurança do Atlântico Sul*, Brasília: ABED (Associação Brasileira de Estudos de Defesa).
- Wilkerson, Philip e Richard Rinaldo. 2008. "Principles for the Conduct of Peace Support Operations". Williamsburg: Peace Operations Training Institute.
- Zoubir, Yahia. 2007. "Stalemate in Western Sahara: Ending International Legality". *Middle East Policy* XIV (4): 158-177.
- . 2010. "The Western Sahara conflict: regional and international repercus-

sions". Concerned Africa Scholars (85): 72-77.

Zunes, Stephen e Jacob Mundy. 2010. *"Western sahara: war, nationalism and conflict irresolution"*. Syracuse: Syracuse University Press.

RESUMO

Trata-se de estudo de caso que reflete sobre a complexidade da atividade logística no contexto de uma operação de paz. É feita uma síntese preliminar acerca da questão do Saara Ocidental, assim como breve revisão teórica sobre o conceito de Logística Militar. São analisadas as logísticas dos principais participantes do conflito: o Exército Real do Marrocos, a Frente Polisário e a MINURSO. Verifica-se que as abordagens são essencialmente distintas: logística nacional, logística "de sobrevivência" e logística internacional.

PALAVRAS-CHAVE

Operações Militares; Operações de Paz; Logística.

Recebido em 25 de março de 2017.

Aprovado em 01 de julho de 2017.